

O BOMBEIRO PORTUGUEZ

FOLHA QUINZENAL

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE CADA MEZ

JOÃO LINO D'ASSUMPÇÃO

A gravura com que hoje ilustramos o nosso periódico devia acompanhar o artigo que com a devida venia transcrevemos do «Diário Ilustrado» de 40 do passado e que publicamos no nosso numero anterior.

Sollicitamos da ilustrada redacção d'aquelle «Diário» a fineza da reprodução da gravura que hoje damos á estampa, sendo-nos concedida; mas tendo-nos chegado á mão a tempo de não poder ser publicada de modo a acompanhar aquelle artigo, intendemos do nosso dever, logo que se nos proporcionava occasião, não deixarmos de a publicar, o que fazemos hoje.

Prestamos assim mais completo preito á honrada memória d'um benemerito.

Os nossos leitores encontrarão, pois, no nosso n.º 44 a biographia do homem que deixou de si tão honrosa memória e que todo o bombeiro brioso deve venerar e respeitar, como um dos mais benemeritos da phalange dos homens mais prestados á sociedade, que tem por divisa o dever, por lema o bem da humanidade.

Utensilios do carro de material

(MACHADO, GADANHO, BICHEIRO)

Já descrevemos a bomba e o carro de material dos bombeiros municipais d'esta cidade, assim como



os seus utensilios, pela ordem que os designamos no n.º 39 d'este periódico, a saber: a escada ingleza de lanços, a escada á crochets (de ganchos) ou franceza, a manga de salvação e o respirador.

Segue-se agora o machado, o gadanho e o bicheiro, utensilios igualmente indispensaveis para todas as companhias de incendios.

Principiaremos com a descrição do machado. É impossivel fixar a epocha em que foram inventados, assim como os gadanhos; mas o que se sabe é que já os povos das eras mais remotas empregavam estas ferramentas para varios misteres domesticos e que o machado era uma arma uzada em batalha pelos antigos guerreiros.

Não ha bombeiro algum, por certo, que desconheça a applicação que se dá em um incendio ao machado grande, mas o que talvez muitos ignorem é a nomenclatura das diferentes partes de que se compõe.

Todos os bombeiros deverão trazer á cinta um machado pequeno que lhes sirva para arronbar uma fechadura, os caixilhos de uma janela ou qualquer taboa e divisão que ofereça pouca resistencia; porém os

machados grandes que são conduzidos na carreta da bomba e no carro de material, foram feitos a fin de que o bombeiro pudesse fazer cortes mais importantes e remover obstaculos para os quaes o machado pequeno fosse insuficiente.

Ha diferentes qualidades e formatos de machados, mas aquelles que estão adoptados na nossa companhia municipal são os seguintes, que se compõem de cabo, lamina, gume, olho, martello, e outros que

em logar do martello tem **bico** e **chumaceiras**, e alguns, **orelhas**.

O gadanho, que serve para remover entulhos, compõe-se de **cabo**, **olho** e **dentes**, e se bem nos lembra, tambem ha alguns á imitação dos que uzam os voluntarios d'esta cidade, que em vez de **olho** tem **bainha**.

O bicheiro é muito antigo, como consta de uma gravura que representa o interior da loja do pae de Ctesibio, o insigne mechanico de Alexandria e inventor da primeira bomba.

Verdade é que o bicheiro tem sido já muito aperfeiçoad, sendo William Baddelay, natural da Inglaterra, quem o melhorou consideravelmente, substituindo o gancho por uma especie de faca.

Todos sabem qual o fim para que esta arma é destinada; no entanto, como possa haver ainda alguem que desconheça a sua applicação, diremos que serve, não só como apoio para escadas, quando não haja forquilhas, mas para furar estuques, paredes *refans* ou divisorias, levantar telhas, etc.

Compõe-se de **cabo**, **bico**, **ganco** e **bainha**.

Os cabos de cada um deveriam variar de tamanho, porque muitas vezes é preciso trabalhar em sitios aonde seja necessário maior ou menor comprimento, conforme a altura ou a extensão do quarto ou logar em que tiverem de ser empregados.

Em Lisboa, os **bicheiros** são conhecidos pela denominacao de **croques** e ha outros mais pequenos a que chamam **desfarradeiras** e que servem para levantar as taboas dos tectos e despregar ripas.

Experiencia

Teve logar no dia 26 do mez passado, pelas 8 horas da manhã, no edificio do antigo seminario, a experiencia de uma escada á ingleza de oito lanços, construida pelo sr. Antonio Moreia da Silva Couto, d'esta cidade.

REVISTA QUINZENAL

À hora a que escrevemos ainda a cidade está impressionada com o desmoronamento d'uma pedreira nos Guindaes a que se encostavam umas casas de que nem vestigios restam.

Veio o fogo completar a obra que o tempo e a imprevidencia dos homens preparou. N'aquele montão de ruinas que desceem até á margem do rio, estão sepultadas, segundo a voz do povo, que nem sempre é a voz de Deus, algumas dezenas de pessoas, segundo a voz oficial, apenas quatro.

Todo o Porto, a que chamam por excellencia a cidade labradora, correu a embasbacar-se deante das ruinas que confrangem as almas e lembram a cólera de Deus pezando sobre as cidades malditas.

Veio o desmoronamento fazer esquecer os ladrões. A cidade andava sobresaltada; desguarneciam-se as lojas de revolveres; muitos cidadãos arrostraram com o ridiculo de se rem acompanhados até á porta de casa pela patrulha, a quem davam o seu bilhete de visita para esta poder dar parte

A escada foi manobrada pelo pessoal do carro n.º 1, com a assistencia do fiscal do material, e do novo engenheiro inspector, ultimamente nomeado, mas que ainda não tomou posse do commando.

As manobras constaram apenas de ligar os diversos lanços e desligá-los depois, podendo até dizer-se que estes trabalhos foram muito regularmente feitos sob a direcção do sargento Rodrigues, se attendermos a que os bombeiros não estavam ainda bastante praticos n'aquelle serviço.

Se o novo regulamento já estivesse em vigor, lebrariam que o fiscal do material nada tem com o commando dos carros e bombas ou com as manobras que lhes dizem respeito, porque apenas lhe compete velar pelo seu aceio e conservação e tomar a direcção do serviço da agua.

Não sucedeu assim, pois que pessoa fidedigna que assistiu ao exercicio nos affirma que o tal Almeida fiscal, já muito conhecido dos nossos leitores, subira os dois primeiros lanços, berrára, commandára e dirigira até palavras insultantes aos bombeiros, chegando a dar ordens contrarias áquellas que eram dadas por quem competia, o que ia dando em resultado cair a escada.

Notamos igualmente que aquelle sargento se apresentou de *raglan*, quando o uniforme que lhe compete é uma jaqueta. Como o engenheiro-inspector que assistiu como espectador ao exercicio ainda não é auctoridade reconhecida com tal, porque ainda não lhe foi confiada a direcção da companhia, não lhe pediremos providencias contra estes abusos, mas esperamos que o respectivo vereador os reprima devidamente e quanto antes, para que estes factos se não repitam e para evitar que sejam imitados por outros.

Em quanto á escada pareceu-nos que não deverá preencher o fim para que a destinam e que se torna muitissimo perigosa por falta de solidez; porém, como a experientia foi tão superficialmente feita, muito desejariamos poder assistir a outra para então a condenarmos ou approvarmos com mais conhecimento de causa.

Os bombeiros apresentaram-se com muita ordem e

na esquadra que acompanhára a casa aquelle cidadão por que tivera mèdo.

A vigilancia da policia redobrou. Fantasiaram-se roubos, citaram-se nomes de roubados, etc., etc., e nunca apareceu um ladrão. Algum desgraçado operario a quem o aturado inverno fechára a porta na officina, e nos pedia a esmola com a intimativa da fome, com o chapéu carregado sobre os olhos, corrido d'aqueila humilhação, era um ladrão de quem se fugia, porque pedira de chapéu na cabeça, porque não pedia esmola, dizia que tinha fome. Emfim o mèdo lá vae e a fome recolheu á sua mansarda com receio tambem dos... honrados.

Tem sido horrorosa a invernia e a quadra que atravessamos vae deixando de si pouco agradavel memoria. O comércio e a industria d'esta cidade tem-se sensivelmente resentido e ainda bem que o sol nos vae dispensando os seus sorrisos ainda não francamente abertos. Na praia de Mathosinhos o naufragio do vapor «Olga» deu pasto por alguns dias á curiosidade dos ociosos.

Deixemo-nos porém de negruras e entremos nos theatros.

No theatro de S. João depois da tempestade que por algumas noites alli se levantou, tem a Companhia que alli funciona seguido o seu rumo quasi desassombradamente. «Roberto do Diabo», «Capuletti e Montechi», «Lucrecia Borgia» e

limpeza, seguindo depois silenciosos para o quartel, o que nos surprehendeu por estarmos habituados ao contrario. Recebam portanto os nossos louvores e façamos votos para que continuem a merecer os.

Castigo merecido

A guarnição da bomba n.º 40 estacionada na Foz, em virtude do mau serviço que prestou no grande incendio que ha pouco ali se manifestou, teve já tres exercícios de instrução, como castigo, aos quaes assistiu tambem o sargento Cláudio, o mais culpado de todas as tropelias que se praticaram e que nós já noticiamos, pedindo ao mesmo tempo providências.

Como instrutores, dirigiram as manobras o primeiro e o segundo commandante Pimenta e Gonçalves, brigadas Loureiro e os sargentos Barbosa, da bomba n.º 5 e Rodrigues Souto, do carro n.º 4.

O local escolhido foi a propria casa incendiada e as manobras constaram de montagem e desmontagem da bomba, trabalhos com a agulheta, collocação das escadas e algumas noções teóricas.

E' com a maior satisfação que registramos o castigo mandado aplicar pelo vereador do pelouro dos incendios, não só porque desde ha muito o estado anarchico da companhia clamava energicas providencias, mas porque s. exc.ª acaba de nos dar uma prova de que a nossa justa queixa foi attendida e que o serviço dos incendios começa a merecer-lhe a maxima atenção, porque já nos consta que se tem tomado outras medidas, que por enquanto não publicaremos, sem que elles estejam definitivamente em vigor.

Inspecção geral dos incendios

Acha-se já installada nos baixos da casa da administração dos dois bairros d'esta cidade, junto aos Pa-

o «Trovador», o «Santo António» das empresas lyricas, tem sido ouvidos com geral agrado. A companhia, se não é uma companhia de primeira plana, tem artistas de reconhecido mérito e para nós, digamol-o à puridade, não sabemos como no Porto se pôde sustentar uma companhia lyrica. O sub-sídio do governo é pequeno e a concorrência corre parelha com o sub-sídio. Pouco de invejar são os lucros das empresas lyricas no Porto.

O grande sucesso no Baquet é o «Gato Preto» apparaftosa magica de Borges d'Avellar e Augusto Garraio, com visuallidades, marchas, transformações, danças, macacos, gatos, etc. n'uma palavra, uma magica posta em scena com luxo a que estamos pouco acostumados e que conta as representações por encherentes.

Não somos apolo-istas de magicas, nem de operetas, e desnos sinceramente vêr um artista de subido mérito como os ha incontestavelmente n'esta companhia, tomando parte em peças da índole do «Gato Preto». A empreza do theatro Baquet não subordinou os seus interesses à arte e avisadamente andou. Se o publico gosta de rir, faça-se rir e ponham-se de parte tantos lindos dramas que representam muita applicação e muito estudo, que o publico não premeia, nem reconhece.

O «Gato Preto» tem elementos para se conservar longo tempo em scena, e repetimos: é muito digna de vêr-se, porque poucas occasões temos tido de vêr uma peça tão bem vertida e bem posta em scena como esta.

Borges d'Avellar e Augusto Garraio recheiram a peça de bons dítos, cheios de espírito e que o espectador applaude gostoso.

O «Gato Preto» tem bastantes numeros de musica e permitta-nos o intelligent maestro Antonio Canedo que jul-

cos do Concelho, a repartição da nova companhia de incendios em via de organização, conforme determina o regulamento.

A vereação municipal, em sessão de 23 do mes fendo, auctorou por proposta do sr. Correia de Barros, a despeza de 129.5300 réis para a compra de mobilia e mais utensílios precisos para a repartição do serviço de incendios, em conformidade com o orçamento enviado pelo inspector.

Acha-se aberta a matrícula para aqueles que se julgarem nas condições de pertencer ao novo corpo de bombeiros, para cujo fim deverão apresentar todos os documentos e attestados que possam servir-lhes de recommendation.

O regulamento tambem já se acha impresso para ser distribuido a cada um dos bombeiros, serventes e condutores.

Para o logar de secretario foi nomeado o sr. Augusto Cesar Jorge, moço intelligent e habil, segundo nos informam.

O inspector geral já visitou todos os quartéis das bombas, procedendo ao mesmo tempo ao inventario de todo o material, em companhia do secretario e do antiguo fiscal Almeida.

Alguns individuos que requereram á camara para serem admittidos para a bomba da Foz, não foram attendidos, devendo requerer competentemente ao inspector geral.

Ignora-se por enquanto o dia em que começará a vigorar o novo regulamento.

Folgamos immenso que já se tem dada encetado alguns trabalhos preparatórios para a definitiva organização da nova companhia; pois que, não só é de urgente necessidade a prompta execução dos propostos melhoramentos, dos quais o actual vereador é auctor, mas por que qualquer demora poderá ser altamente prejudicial.

Muito estimaremos que as determinações do regulamento sejam cumpridas, risco, porque estamos certos que aqueles, cuja má conduta e defeitos temos apontado, não serão admittidos e que só o serão aque-

guemos que foi mais feliz na escolha da musica para o «Espelho da Verdade», do que na magica de que vamos fallando.

No theatro da Trindade, o theatro popular por excellencia, não tem escasseado a concorrência, e o «Ramo de Ouro» continua a dar algum cobre á empreza.

Acaba de apresentar-se ao publico a Estudantina Portuense. Composta de artistas distintos sob a direcção dos irmãos Antunes, a Estudantina Portuense soube e com justiça, fazer-se applaudir nas diversas peças que executou.

Convidados para assistir á sua primeira prova publica, cabe-nos o dever de agradecer a deferencia havida com esta redacção.

Agora, ao retirar-me, cumpre-me rogar aos leitores desculpa para a substituição do chronista que illustrava as paginas d'este humilde quinzenario com as suas agradáveis chronicas.

30 de janeiro.

R. S.

les que reunam todos os requisitos indispensaveis, conforme as determinações de alguns artigos.

Será para nós extremamente agradável se assim se proceder, porque não só a companhia lucrará, mas também o município.

Os chafarizes

O unico abastecimento de agua de que a companhia de incendios do Porto pode dispor é o dos chafarizes publicos, que não são de mais para uma cidade tão populosa como esta; e portanto, era de maxima conveniencia e necessidade que se conservassem sempre cheios e a policia redobrasse de vigilancia para que os aguadeiros e particulares só enchessem os canecos e vazilhas nas bicas competentes.

Ultimamente temos visto alguns tanques vazios, provavelmente porque tiram a agua para outros misteres, quando na nossa opinião, aquella agua só deveria ser applicada em caso de incendio, visto que nos poços particulares, que só podem ser utilizados por meio da respectiva bomba, apenas se pode encher uma vazilha de cada vez.

Esperamos que a camara tome na devida consideração esta nossa lembrança, pois que a falta de agua pode causar graves prejuizos em caso de sinistro e o corpo de bombeiros não poderá ser accusado com justiça por não poder atalhar o incendio.

Competia ao commandante officiar á camara dando-lhe noticia d'este e outros abusos; mas todos sabem de sobejo a sua incompetencia e desleixo. Portanto, não havendo alguem que de veras se interesse pela segurança publica e chame a attenção de quem compete para estas minudencias, que, muito embora á primeira vista pareçam insignificantes, são altamente importantes e muito poderão influir para o bom ou mau nome da companhia e de quem a dirige. Compete-nos a nós pedir providencias e a maior vigilancia para se evitar estes factos.

O fiscal Almeida

São tantas as tropeias, tantos os abusos e tão repetidas as faltas commettidas por este bombeiro, incompetente até para ficar de guarda á estação da sua machina, mas que infelizmente exerce cargos importantes na companhia de incendios d'esta cidade, como são o de sargento da bomba e fiscal do material, que não bastariam os vinte e quatro numeros do nosso periodico para registrar annualmente todos os actos mercedores de censura que pratica.

É já para nós bastante fastidioso noticiar tão amiudadas vezes as façanhas d'este individuo; e por certo não continuariamos, se não temesssemos que os nossos leitores poderiam julgar que já se havia regenerado. Infelizmente, não teremos essa satisfação; pois que, a darmos credito a certos annexos populares não será este Almeida susceptivel de transformação para melhor, porque quem torto nasce, tarde ou nunca se endireita e como já é velho não tomará andadura.

A ignorancia, inepcia e vontade de usurpar as atribuições dos outros, iam sendo a causa da morte de dois infelizes.

Tantas vezes temos pedido para que seja castigado, mas como até hoje tem sempre ficado impune,

mais se anima de dia para dia a praticar novas proezas, ufanando-se ainda com a certeza da impunidade.

Se não procurarem de alguma forma obrigar o a ocupar-se unicamente dos seus deveres, ou enquanto o não expulsarem, teremos ainda o desgosto de noticiar alguma calamidade muito mais grave do que aquella a que acaba de dar origem.

Eis o caso:

No dia 27 do mez passado, intendeu a alta inteligencia do sr. Almeida, que era de conveniencia fazer-se novas experiencias com a escada que o sr. Moreira Couto havia construído; e sem consultar o commandante e sem sua auctorização ou dos sargentos Albino e Rodrigues, a cujo carro a dita escada pertencia, ordenou que a mesma fosse conduzida para o pateo do edificio da camara.

Ora, como este individuo, apezar de se intitular o «Faz tudo» nada sabe e nada comprehende do serviço de bombeiro, collocou mal a escada e esta resvalando pelo lagedo, auxiliada pelas girellas que estavam encostadas á parede, precipitou sobre as pedras os dois imprudentes que haviam subido, resultando d'este accidente ficarem ambos muito feridos e contusos, sendo um d'elles conduzido ao hospital e o outro a sua casa.

Consta-nos e já o lêmos tambem no «Commercio do Porto» e «Echo de Portugal e Brazil» que o tal Almeida, auctor e principal causador d'esta desgraça tão lamentavel, que poderia ter roubado a vida áquelles dois infelizes, fôra já suspenso temporariamente por ordem do vereador do pelouro dos incendios, o sr. José Augusto Correia de Barros.

Muito estimaremos que seja verdadeira esta noticia, não só para que o delinquente não continue a gabar-se de que os seus superiores se não atrevem a castigá-lo, mas para servir de exemplo, a fim de que os outros não exorbitem tambem as suas atribuições e procurem ser mais dignos do que este seu camarada, a quem a nossa secção de escandalos destina o lugar de protagonista.

E já que tivemos de fallar d'este facto, lembremos mais uma vez ao sr. Correia de Barros, que sejam excluidos da nova companhia todos aqueles que estiverem nas mesmas condições que o sargento Almeida, porque do contrario, nunca a companhia de incendios conseguirá elevar-se como deve.

Confiamos que s. exc.ª tome na devida consideração esta lembrança e nos attenda, para honra sua e beneficio de todos.

Horrivel catastrophe

No dia 27 do mez passado, pelas 3 42 horas da tarde, um terrivel successo, que enlutou varias familias e causou prejuizos espantosos e avultados, alvoroçou dolorosamente toda a cidade.

A rocha sobranceira á rua dos Guindaes e que desde agosto do anno passado ameaçava desabar, despegou-se finalmente e cabindo sobre os predios que ficavam proximos, reduziu tudo a um montão de ruinas fumegantes, em resultado de um fogão que estava acceso em um dos predios, no qual estava estabelecida uma hospedaria.

O aspecto que apresenta actualmente aquella parte da Ribeira é desolador e ao mesmo tempo tão imponente esse quadro de tão colossal desabamento, que

só visto se poderá fazer ideia do horror que inspira e dos estragos que causou tão lamentável sinistro.

Desde ha muito que a camara municipal tinha mandado intimar os moradores dos predios para que os abandonassem, achando-se já alguns vazios; e desde pela manhã que estava impedido o transito n'aquelle parte da rua. Alguns moradores mostraram-se renitentes em sahir das casas, tornando-se necessário ao chefe de esquadra Ribeiro, que desenvolveu grande actividade e zelo, conduzil-os sob custodia para a esquadra policial de Cima do Muro.

Alguns montantes da camara andavam presos com cordas pela cintura, a quebrar parte da rocha que estava em imminente risco de ruina, pois apresentava uma fenda de grandes dimensões; quando repentinamente, enormes penedos se despegaram e sotterraram os predios que se lhe achavam encostados, affundando também duas barcas com carregamento de batata.

As casas que desabaram são a do sr. Manoel de Madureira, construida no alto da rocha e bem assim as dos srs. João Francisco Gomes & Irmãos e Joaquim José Rebello Lima; e é tal a quantidade de penedos da pedreira que caiu, que não se pode ver o mais leve vestigio de qualquer dos predios.

Os sinos começaram em seguida a tocar a rebate, comparecendo imediatamente grande concorrência de povo, pessoal da companhia de incendios do Porto e Villa Nova de Gaya, trabalhadores da camara, tropa de linha, da guarda municipal e de cavalaria; porém nada poderam fazer para dominar o incendio, porque o perigo era imminente, havendo ainda alguns penedos e muros prestes a desabar.

Felizmente, em vista das acertadas providencias que se haviam tomado, o numero de victimas parece que não excede a cinco, apesar de que ao principio todos julgavam que o numero de pessoas esmagadas fosse superior a quarenta. No entanto, nada se sabe ainda com certeza.

Os bombeiros procuraram com a maior coragem e boa vontade debellar o incendio e remover algumas pedras, mas todos os esforços foram baldados, vendendo a final obrigados a retirar, porque os clarins postados na ponte deram o signal de perigo e fuga por ordem do director das obras publicas.

O sr. Luiz David da Fonseca ficou sem parte da sua familia e sem os seus haveres. As pessoas da sua familia que morreram tinham abandonado a casa horas antes; porém haviam voltado para trazer uma imagem de Santo Antonio, quando se deu o desastre.

Compareceram todas as auctoridades civis e militares, assim como o presidente, vice-presidente e mais alguns vereadores da camara municipal.

O incendio que se havia manifestado nas ruínas comunicou-se a duas casas proximas, nas quaes havia um deposito de palha e madeiras.

Os promenores do incendio e a maneira como correram os trabalhos, consta da secção respectiva que hoje publicamos com referencia ao mez findo.

Já se procedeu a nova vistoria á qual assistiram varios engenheiros, ficando resolvido que, sem perda de tempo, se começasse a trabalhar no apeamento da pedreira. Segundo nos informam, parece que já se encontraram alguns trabalhos n'esse sentido.

Sua Magestade El-rei ordenou que pelo ministerio do reino lhe fossem indicados os nomes das pessoas que se acham desalojadas e que sofreram com esta catastrophe.

Muitas pessoas estranharam que a corporação de

bombeiros voluntarios não tivesse comparecido, visto que os seus estatutos lhe impõem o dever de comparecer tambem a inundações, desabamentos e terramotos; porém, quer parecer-nos, que não ha motivo algum para censura, pois que, tendo aquella associação suspendido os seus trabalhos, subintende-se que não só o fez com referencia aos incendios, mas com referencia igualmente a todos os serviços a que concorram os bombeiros municipaes.

E' de crer que logo que esteja em vigor o regulamento, desapareçam as dificuldades que tem impedido a coadjuvação de tão benemerita corporação e que a cidade possa ainda admirar-lhe o valor e a dedicação, utilizando-se dos seus desinteressados serviços.

Manoel d'Almeida

Na noticia do incendio que demos, ocorrido nas Caldas de Vizella, no dia 8 do passado, dissemos que um dos voluntarios cahira de um telhado sobre a varanda de um pontilhão, resultando-lhe da queda o ficar em perigo de vida.

Hoje temos a acrescentar que foi victimo da sua dedicação.

Chamava-se Manoel d'Almeida, e era um honrado e digno artista o desventurado que deixou em precarias circumstancias viuva e tres filhinhos.

A associação dos bombeiros voluntarios de Vizela fez-lhe um honesto enterro, concorrendo grande numero de pessoas a prestar ao malogrado bombeiro as ultimas honras fúnebres.

Segundo informações que reputamos fidedignas, deu Manoel d'Almeida a morte muito á sua imprudencia, por quanto sendo a sua secção a encarregada do manejo da bomba, andava ocupado em outros trabalhos que não eram da sua competencia.

Honremos no entanto a memoria do homem que perdeu a vida em beneficio dos seus semelhantes.

Chronica e analyse dos incendios no Porto, durante o mez de Janeiro ultimo

7 DE JANEIRO—Às 10 horas da noite, na Corticeira, em uma pequena barraca de madeira que servia de deposito de chamiça, pertencente a Antonio da Pasterreira.

Ganhou o premio e trabalhou a bomba da 4.ª secção de Villa Nova de Gaya.

Os prejuizos são calculados em trinta e tantos mil réis.

O deposito ardeu todo.

11 DE JANEIRO—À 1 hora da tarde, na rua da Liberdade n.º 41, propriedade de Antonio da Costa Fontes habitada por Eduardo Alves da Silveira.

O fogo manifestou-se na casota do cão, por este ter levado para ali uma caixa com phosphoros, a qual incendiou com os dentes.

Apenas ardeu a casota, porque os vizinhos acudiram promptamente.

27 DE JANEIRO—Em dois predios da rua dos Guindais que serviam de deposito de palha e de madeira.

O incendio manifestou-se em virtude do desmoronamento de uma pedreira, que fez desabar quatro predios, em cujas ruinas teve origem o incendio, motivado pelo fogão da cozinha que estava acceso.

E impossivel por em quanto calcular os prejuizos que são avultadissimos.

Ha a lamentar a morte de algumas pessoas, que ainda estão sepultadas sob os destroços; mas não é possivel saber-se ainda o numero das victimas.

As companhias de incendios do Porto e Villa Nova de Gaya teem sido infatigaveis e teem desenvolvido tal energia e coragem, que não podemos deixar de confessar a sua muita dedicação, assim como a boa ordem e criterio com que teem procedido a todos os trabalhos.

Compareceram no local do sinistro as principaes auctoridades e entre estas o vice-presidente da camara e vereador do pelouro dos incendios, o sr. José Augusto Correia de Barros, assim como o inspector dos incendios, Eduardo Augusto Falcão.

E digno de elogio o sr. Correia de Barros pelos acertadas medidas que tomou, e não o é menos por ter louvado o bom serviço dos bombeiros na ultima sessão camarária e conseguido que fossem renumerados aqueles que mais se tinham distinguido.

S. exc.^a propôz igualmente que se officiasse á camara municipal de Villa Nova de Gaya, comunicando-lhe que a vereação portuense tinha na devida conta os bons serviços prestados pela corporação dos incendios d'aquella villa e muito especialmente pelo seu commandante, o sr. Eduardo da Costa Santos.

Os promenores d'esta catastrophe vão em outra parte do nosso periodico.

29 DE JANEIRO—A's 4 1/2 horas da manhã no porão da proa do vapor portuguez «Rio Lima» procedente de Lisboa e Antuerpia e que se achava ancorado em frente da antiga alfandega de consumo, em Massarelos.

O fogo teve origem na carga, que se compunha de café, linho e algodão, etc. e causou bastantes prejuizos.

Julgou-se que o incendio fora motivado por combustão espontânea em lã.

Os primeiros socorros foram prestados pelas guarnições dos vapores «Rio Tejo» e «Rio Douro» e pelo vapor inglez «Anglian» que estavam proximos.

A confusão de toques fez com que os socorros publicos chegassem tarde.

O vapor, que é pertencente á companhia «Thetis», sofreu prejuizos avaliados em 3:000\$000 réis.

Se tivesse havido um respirador, os estragos causados pela agua teriam sido muito menores, porque poderiam os bombeiros ou marinheiros aproximar-se do foco do incendio, o que não aconteceu porque o fumo era intenso.

Ainda bem que o regulamento está prestes a vigorar, alias pediríamos providencias e castigo para os sargentos que deixam ficar de propósito ou por esquecimento material da companhia, no local do incendio, como aconteceu agora com a escada de ganchos da bomba n.^o 3, que lá ficou pendurada no vapor, a pedido não sabemos de quem.

A guarnição d'esta machina, que antigamente era tão escolhida e habil e ao mesmo tempo commandada por um sargento, posto que velho e alquebrado, mas digno e respeitável, parece que agora é apenas composta de recrutas e que o seu chefe não está na verdadeira altura de a commandar, pois que ignora até como a bomba se desmonta. Queriam esses bombeiros que a bomba cahisse da carreta sem desprenderem o cadeado da frente; e se não fosse um individuo estranho áquel-

la corporação, ainda a estas horas lá estariam sem a poderem desmontar.

E' inacreditavel, mas é verdade!

Sabemos que alguém tenta desculpar o sargento, dizendo que os bombeiros foram instados para deixar ficar a escada como prevenção em caso de novo alarme; mas não assiste a pessoa alguma o direito de dispor de objectos que estejam em serviço e possam ser necessarios de um momento para outro.

Imagine-se a responsabilidade em que incorreria a guarnição d'aquella machina, se logo em seguida tivesse de ir para outro incendio e fosse necessaria a escada para salvar alguém.

A impunidade tem sido a origem de novos abusos e do augmento de desordem a que attingiu a companhia de incendios.

Se uma ou outra vez se distingue, como no incendio dos Guindais e merecem louvor, dão-nos imediatamente motivo para acres censuras.

Expulsem ou castigem com severidade os culpados e estamos certos que só teremos palavras de elogio.

Correspondencias

LISBOA

(Do nosso correspondente)

Convidado a dar quinzenalmente para o «Bombeiro Portuguez» noticias que prendam com a indole d'esse jornal, sejam as minhas primeiras lihas um protesto de reconhecimento para com a redacção que me concede a subida honra de collaborar nas columnas d'esse periodico, que tem merecido tanto conceito em todo o Portugal, não só pela proficiencia dos seus escriptos, devidos a penas habilidissimas, como por ser o unico que possuimos destinado exclusivamente ao estudo do serviço de incendios.

Na plena convicção do meu aponçado saber, transluzido no alinhavado das phrazes, eu não acceptaria este cargo se a muita amizade com o proprietario d'esse jornal me permittisse uma recusa.

Na minha posição de correspondente vou dar aos leitores noticias d'uma scena a que assisti e que jamais se apagará da minha mente; eu vi prestar homenagem á abnegação e premiar o valor.

Eu vi seis bombeiros municipaes, seis valentes, serem alvo d'uma manifestação sincera. Para que essas almas tão bem formadas ténham incentivo para novos actos de heroísmo e sejam justamente admiradas, darei os seus nomes

Francisco Rodrigues da Conceição, 1.^o ajudante do inspector geral; Antonio Martins, bombeiro n.^o 7; Eduardo Augusto dos Santos, n.^o 62; Francisco Caetano Rodrigues, n.^o 70; Bruno Dias, n.^o 97; Antonio José Marques, n.^o 102; Luiz Francisco Gravata, n.^o 112; Guilherme Eduardo da Conceição, n.^o 118; Antonio Lopes, 4.^o sota, n.^o 419 do carro 27.

Foram estes os bravos que roubaram a uma morte quasi inevitável um homem sepulto nas ruínas do desmoronamento de Belem, e que com perigo da propria existencia fizeram o desentulho e tiraram os cadaveres dos infelizes operarios, victimas d'aquelle medonha hecatombe.

Domingo, 19 de janeiro, cerca do meio dia, reuniu-se a camara municipal em sessão solemne, achando-se presentes os srs. marquez de Ficalho, Thomaz Ribeiro, ministro da marinha, Carlos Barreiros, ins-

pector geral dos incendios, o corpo de bombeiros municipais, um piquete de voluntarios e grande concordancia de poyo.

Orou o sr. ministro da marinha e o sr. Barreiros, depois do que, foram distribuidas as medalhas aos seis bombeiros.

Deus permitta que o heroísmo, como o bello, tivesse tantos incentivos que todos os que se dedicam ao mester de bombeiro procurassem seguir estes exemplos que tanto ennobrecem.

LUCIO.

LAMEGO

(Do nosso correspondente)

Satisfazendo ao pedido que v. ha tempos me fez para ser o correspondente do «Bombeiro Portuguez» principio agora a minha tarefa.

Hoje houve pelas 7 e meia horas da manhã principio de incendio no palacete dos Brothos, propriedade do sr. Macario de Castro de Vilhena. O fogo teve origem na fuligem da chaminé, mas foi promptamente extinto sem o auxilio das bombas; no entanto, os prejuizos são calculados entre cincuenta e sessenta mil réis.

No dia 5 do corrente teve exercicio na frente da casa da camara toda a companhia municipal.

Teem estado enfermos os bombeiros voluntarios José dos Santos Leitão Junior e Arthur da Costa Moraes.

Lamego 30 de janeiro de 1879.

M.

No estrangeiro

Um pavoroso incendio destruiu a biblioteca central de Birmingham.

E' incalculavel o prejuizo que causou o incendio, que reduziu a cinzas verdadeiras preciosidades. Para se fazer uma ideia basta dizer-se que dos 100:000 volumes que compunham a biblioteca só 42:000 se podem salvar.

Em New-York, em 13 do passado, um incendio destruiu os armazens de fato feito de Broadway.

Ascendem as perdas a dois milhões de dollars.

Ardeu tambem a castello de Decombe-Park, no condado de York (Inglaterra). Pertencia ao conde de Feversham que ali tinha objectos de arte de subido valor, de que se perderam a maior parte.

Varias noticias

Acha-se bastante doente e de cama, ha perto de quinze dias, o segundo patrão dos bombeiros voluntarios do Porto, Eduardo de Souza Pereira.

Os nossos sinceros sentimentos e ardentes votos para que melhore quanto antes.

No dia 24 do mes fendo houve reunião da direcção da Real Associação Humanitaria «Bombeiros Voluntarios do Porto», para tractar de negocios administrativos concernentes á mesma.

O orçamento da despesa da corporação de bombeiros municipais de Londres, para o anno corrente, sobe a 271:485:5000 réis; isto é, mais 54:457:5500 réis do que no anno fendo, cujo augmento é destinado á compra de material e varios melhoramentos.

Aqui regateia-se qualquer pequeno augmento de despesa!

Que contraste!

A camara municipal da Povoa de Varzim pensa em melhorar o seu material de incendios. Acaba de confeccionar o seu orçamento para acudir a despesas que vae criar e parece animada dos melhores desejos de traduzir os seus projectos em realidade.

Oxalá que todas as camaras lhe seguissem o exemplo, lembrando-se, que mais vale prevenir que remediar.

Segundo nos comunicam de Guimarães, esteve n'aquelle cidade, ultimamente, o sr. Augusto Leite da Silva Guimarães, apreciabilissimo cavalheiro, tanto pela sua illustração, como pela seriedade do seu caracter.

O sr. Leite Guimarães é 2.º secretario da Associação dos bombeiros voluntarios do Porto.

Na Guarda, no theatro da localidade, deu-se um beneficio em favor da associação dos bombeiros voluntarios d'aquelle cidade.

Correspondencia recebida na administração d'este periodico de 15 a 31 de janeiro

Villa Nova de Gaya—Do sr. João Vieira de Andrade.

Lamego—Do sr. Antonio Joaquim Vieira de Magalhães.

Lisboa—Do sr. Eleuterio dos Santos.

Guarda—Do sr. Francisco Antonio Patrício.

Guimarães—Do sr. Francisco Martins Gouveia de Moraes Sarmento.

Colégia—Do sr. Carlos Relvas.

Caldas de Vizella—Do sr. Armindo Pereira da Costa.

Vianna do Castello—Do sr. José Maria de Barros.

Lisboa—Do sr. José Serzedello da Costa.

Caldas de Vizella—Do sr. Antonio Pedro de Barros Lima.

Fundão—Do sr. Oliveira & Lopes.

Expediente

Para regularidade da nossa escripturação, e até por conveniencia para os nossos assignantes, resolvemos cobrar adiantadamente a nossa assignatura no Porto, por trimestre, nas provincias por semestre e pô estrangeiro por annuidades.

O escriptorio da redacção e administração é na rua de Fernandes Thomaz n.º 128. Dirigir para alli toda a correspondencia franca de porte a J. R. da Cruz.

A accumulação de trabalho na officina onde se imprime o nosso quinzenario obrou a que elle se publicasse no respectivo dia. Fiamos que não se repetirá esta falta, de que pedimos desculpa aos nossos estimaveis assignantes.

O **Bombeiro Portuguez** vende-e avulso na livraria Civilisação, á rua de Santo Ildefonso n.º 8 e 10 e na rua do Bomjardim, 197 (ao Paraíso).

O preço de cada numero até á publicação do seguinte é de 50 réis: decorrido esse prazo 200 réis.

O **Bombeiro Portuguez** assigna-se na livraria Civilisação, Santo Ildefonso, n.º 8 e 10 e na rua do Bomjardim n.º 187 (ao Paraíso).

Está em distribuição o ALMANACH DO BOMBEIRO PORTUGUEZ.

Rogamos aos srs. assignantes das provincias façam acompanhar as suas requisições da respectiva importancia (300 réis cada exemplar) para a boa regularidade e prompta expedição.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á administração d'este jornal.

O ALMANACH acha-se á venda em todas as livrarias, nas principaes tabacarias e na rua do Bomjardim n.º 197 (ao Paraíso).

BRINDE

A empresa do Bombeiro Portuguez oferece como brinde aos seus assignantes

qualquer dos retratos que até hoje tem publicado e que são dos srs. Guilherme Gomes Fernandes, Thiago José Gonçalves, Eduardo da Costa Santos, Conde de Rio Maior, Antonio Nunes Ricca, Matheus Samuel da Silva, José Augusto Correia de Barros e Henrique Jauncey.

Estes retratos são tirados em cartão e de modo a poderem ser emoldurados e podem ser reclamados á face do recibo do trimestre que finda em 31 de dezembro, na rua do Bomjardim, 197 (ao Paraíso).

Os assignantes que desejarem adquirir mais do que o retrato a que tem direito, pagão por cada um 50 reis sendo o seu preço para os não assignantes de 100 reis.

Todas as pessoas que assignarem o Bombeiro Portuguez, assignatura a principiar em 1 de janeiro de 1879, tem direito ao mesmo brinde.

Os srs. assignantes das provincias poderão fazer as suas requisições á administração—Fernandes Thomaz, 128—Porto.

ANNUNCIOS

IMPRENSA CIVILISAÇÃO

DE
SANTOS & LEMOS

8—RUA DE SANTO ILDEFONSO—10

N'esta typographia, recentemente montada, toma-se conta de toda e qualquer obra não só respeitante á mesma, mas também de lytographia.

OFFICINA DE ENCADERNAÇÃO

DE

JOSÉ PEREIRA VAZ

Vende livros em branco, religiosos e científicos; romances novos e usados, papel, tinta, louzas e mais miudezas.

Executa encadernações em todos os géneros, com perfeição, brevidade e por preços modicos.

78, RUA DE SANTA CATHARINA, 78

IMPRENSA CIVILISAÇÃO DE SANTOS & LEMOS

8—RUA DE SANTO ILDEFONSO—10